

MÁQUINAS QUE CIRCULAM AFETOS E POSSÍVEIS CURTOS

A maquinaria dos Circuitos Afetivos

Arthur Muniz Fernandes¹  Fábio Rodrigo Pereira² 

RESUMO

Ensaio-teórico com o objetivo de compreender como os circuitos de afetos são postos em movimento por Máquinas Abstratas e Concretas, refletindo acerca do efeito deste processo mundial no campo do desejo, na formação dos corpos e na produção das identidades. E a partir de tal reflexão, tecer considerações sobre possíveis curtos-circuitos na maquinaria de captura dos desejos e controle dos corpos, abrindo os territórios para outras linhas afetivas que sejam balizadas não no poder, mas na potência, não em afetos passivos ou tristes, mas ativos e alegres, em especial, por sobre dois campos, na produção de Máquinas de Anti-Captura e conquista do devir na superfície de nossas peles enquanto produção de uma ética de si, com o objetivo de liberar as próprias máquinas desejanças que nos compõem, como também nas superfícies das estruturas burocráticas, imaginando como perverter os dispositivos concretos construídos para a captura, disciplina e controle, os utilizando para o seu inverso.

Palavras-chave: Circuito dos Afetos; Máquinas Abstratas; Máquinas Concretas; Devir; Micropolítica.

MACHINES THAT CIRCULATE AFFECTIONS AND POSSIBLE SHORTS

ABSTRACT

Theoretical essay aiming to understand how the circuits of affections are set in motion by Abstract and Concrete Machines, reflecting on the effect of this world process in the field of desire, in the formation of bodies and in the production of identities. From this reflection, it aims to make considerations about possible short circuits in the machinery for capturing desires and controlling bodies, opening the territories to other affective lines that are marked out not in power, but in potency, not in passive or sad affects, but active and happy, especially, in two fields, in the production of Anti-Capture Machines and the conquest of becoming on the surface of our skins as the production of an ethics of the self, with the goal of liberating the desiring machines that compose us, as well as on the surfaces of bureaucratic structures, imagining how to pervert the concrete devices built for capture, discipline, and control, using them for their opposite.

Keywords: Circuit of Affects; Abstract Machines; Concrete Machines; Become; Micropolitics.

¹ Universidade Federal da Paraíba UFPB

² Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Autor Correspondente: Arthur Muniz Fernandes
E-mail: artmunizf@gmail.com

Recebido em 14 de Setembro de 2022 | Aceito em 18 de Abril de 2023.

1 INTRODUÇÃO

Este é um ensaio-teórico (Meneghetti, 2011) ancorado na filosofia da imanência (Meneghetti, 2020), em especial, no pensamento de Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992) em uma reflexão acerca da maquinaria que faz circular afetos no mundo e o efeito disso no desejo, na política e na formação de corpos e identidades.

Realizaremos breves premissas conceituais para melhor nortear este debate. Iniciando com a concepção de que a produção de identidades se dá através de, pelo menos, dois eixos, significância e subjetivação (Guattari & Deleuze, 2012a). Processo de sentido dos objetos e processo de organização dos sujeitos. Mas, segundo esses autores, a significação não existiria sem um “muro branco”, e a subjetivação não se estabeleceria sem um “buraco negro” (p. 35-36).

Há, pois, um Sistema Muro Branco-Buraco Negro, que constitui a produção das identidades, base da formação de uma subjetividade capitalística mundial (Kroef, 2012), e tal fenômeno se dá de modo micropolítico, disciplinar e em nome do poder, através de circuitos de afetos feitos circular por Máquinas abstratas e Concretas (Guattari & Rolnik, 2006).

Joguem luz sobre alguns desses conceitos fundamentais a este ensaio, a iniciar pelo duplo micropolítica-macropolítica (Alvim, 2012). A política se dá por sobre esses dois aspectos concatenados e entrelaçados. Enquanto que a macropolítica trata do visível, a micropolítica trata do invisível ao olho destreinado, ao campo de forças que subjaz ao movimento aparente, aos afetos que movem os desejos (Agudo, 2004). Para nós, o aspecto micro da política é o campo fundamental para compreensão das próprias configurações que ela adquire como expressão macro.

A seguinte é a diferenciação entre potência e poder. Poder é no que se investe o corpo impotente. São conceitos antagônicos. O poder é a tentativa ineficiente de compensação encontrada pelo corpo incapacitado de expressar as suas próprias potências (Negri, 1993). O poder é a única saída do corpo impotente, ao tentar se proteger dos fluxos do devir, enquanto que a potência é a capacidade dos corpos se afirmarem em composição com todo devir (Pelbart, 2002). O poder é reativo, a potência é ativa. O poder é triste ou dotado de uma alegria condicionada e passiva, enquanto que a potência é alegre, livre e ativa. O poder é o esforço frustrante de negar as forças da vida ativa enquanto que a potência é a expressão de uma conjugação com elas (Hur, 2016). A vida ativa é imanente ao devir, e definiremos esse enquanto zona onde a vida não para de se diferenciar de si mesma (Fuganti, 2007). O poder não se conjuga com o devir enquanto que a potência só se expressa nele.

Nossa última premissa é a que afirma que a política e a economia se realizam através de máquinas abstratas e concretas (Hur, 2015). Não são sujeitos que organizariam a sociedade a partir de um suposto livre arbítrio, pois estes são de antemão fabricados maquinicamente. Os desejo, conscientes e inconscientes, os circuitos de afetos, são todos esses maquinados em dois tipos: abstratos, quando se referir a linhas micropolíticas, e concretos, quando aflorarem em institucionalizações ou forças macropolíticas estabelecidas na estrutura social (Guattari & Deleuze, 2011a). A vida política se encadeia mundialmente nesses dois tipos de maquinarias, compondo uma máquina global de subjetividade capitalística, que chamaremos de megamáquina (Alvim, 2012), produzindo subjetivação e rostos, através de buracos e muros (Guattari & Deleuze, 2012a).

2 MÁQUINA DE REPRESENTAÇÃO E PROJEÇÃO

Há uma máquina abstrata a vincular quase todo o investimento a partir de um buraco a um muro em forma de representação projetada. E de onde surge tal maquinaria? Deleuze e Guattari (2012a, p. 37) dirão que “as máquinas abstratas surgem quando não a esperamos, nos meandros de um adormecimento”. Ou seja,

ao se dissociar da linha do acontecimento, abandonar o devir e passar a investir na consciência, passamos a habitar um buraco, e então partimos para desejar nesta topografia, se restando ao desejo investir não mais no real, mas nas suas representações projetadas em infundáveis muros, a vida social, psíquica e afetiva sendo representada e projetada em um Sistema Muro Branco-Buraco Negro.

O muro é a tela branca do cinema, que a partir de uma série de imagens que reproduzem a ideia de movimento, fundos musicais, nos conectam com um enredo e nos move afetivamente, de modo que, se bem conduzido, esquecemos até de nós mesmos e podemos ser levados totalmente pelos estímulos da tela. Por vezes só lembramos onde realmente estamos e quem somos após o fim da película, enquanto ela ocorre, somos passageiros mais ou menos passivos dos afetos que as imagens e sons encadeadas nos conduzem a sentir (Guattari, 2012). Diferentemente do cinema, o muro no qual projetamos e representamos a partir de uma máquina abstrata, não demanda um ritual tão claro de início nem de fim, não nos deixa perceber facilmente suas bordas, ou seja, participamos dentro do enredo desde o nascimento, pois ocorre de forma ininterrupta, e pior, nossa própria percepção sobre quem somos é em si uma – a principal, aliás – projeção (Fontes Filho, 2007). De modo que a máquina de projeção e representação toma de conta de toda a vida como um simulacro quase completamente fechado, o que torna dificultosa a fuga (Guattari & Deleuze, 2012a).

Contudo, não há fuga criadora alguma através da descoberta de verdades eternas e universais. O que move o desejo são os afetos. É, antes de tudo, uma questão de cartografia do desejo (Guattari & Rolnik, 2006), e nunca de descoberta de verdades através do exercício do pensamento. O pensamento é – na grande maioria das vezes – apenas mais uma representação em nosso muro, aprisionando de diferentes formas o nosso desejo em circuitos alheios a nossa potencialização, em nome de uma máquina abstrata de projeção. E grande parte disto se dá pelo fato de que nossa concepção sobre nós mesmos já é em si um significativo no muro. E esta é a base para todas as demais projeções. Isto é a máquina abstrata de roscada (Guattari & Deleuze, 2012a).

A nossa identidade, a nossa concepção de indivíduo, é, em si, a primordial representação. A concepção de um “eu” é a estrutura que mantém o muro em pé e dá a ele a força de representação tão profunda ao ponto de sermos capazes de ignorar tudo que não for projetado nele.

O rosto constrói o muro do qual o significativo necessita para ricochetear, constitui o muro do significativo, o quadro ou a tela. O rosto escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar, constitui o buraco negro da subjetividade como consciência ou paixão, a câmera, o terceiro olho. (Guattari & Deleuze, 2012a, p. 36)

Não só o meu desejo, os meus afetos e os meus investimentos participam de forma representativa de uma vida projetada e feita simulacro, mas isso tanto fortalece quanto é fortalecido pela própria concepção de indivíduo que carrego comigo. Em síntese, eu, em si, enquanto ideia, já sou uma representação, e ao tentar me relacionar com a vida a partir do meu rosto, não me relaciono com nada mais que outras representações, fantasmas e projeções.

E a questão é que a máquina abstrata alimenta uma máquina concreta, e tal maquinaria não cria qualquer rosto, mas irá gratificar melhor quanto mais eficiente o rosto se adequar ao bom funcionamento das máquinas (Guattari & Rolnik, 2006). O rosto é a base para uma economia e organização dos poderes nos territórios, assim, cada agenciamento de poder exigirá certos rostos e outros não (Guattari & Deleuze, 2012a, p. 47).

O investimento na conscientização é uma miragem, é mais uma representação no muro. Não se trata de “conscientizar-se” ou bem pior que isso, “conscientizar o outro”, o que, aliás, é mais comum de se ouvir. O ser da consciência, encontrou a verdade e agora quer benevolmente ofertá-la aos ignorantes. Projeção no muro estriado, que encadeia, no fim, relações de poder, de assujeitamento do outro para a “boa nova” que trago. Libertar o outro pela consciência que eu ofereço a ele Dominar as imagens-conceito projetadas

no muro do outro, e assim, exercer um poder sobre o imaginário e produção de fantasmas que alimentam a subjetividade do outro. Tudo isto sendo o uso da “verdade” para controlar os corpos (Candiotto, 2006), sendo instrumento de poder, muitas vezes, inconfessos.

Mas não precisa ser assim, há uma outra forma de fazer correr linhas políticas potencializadoras que traçam caminhos em uma fuga criadora, onde o desejo não se expressaria mais como falta, acriar fantasmas e cavar buracos, mas como abundância, e o pensamento não mais se traduziria como uma imagem projetada e representada, mas como criadora de diferença em composição com todo e qualquer devir (Guattari & Deleuze, 2011a). A superação do pensamento enquanto imagem, para a abertura a um pensamento sem imagem. O território da imagem do pensamento é o espaço da representação, e a representação nada mais é que a subordinação da diferença a identidade (Machado, 2009).

Quando a identidade reterritorializa a tentativa de singularização da potência, corta o fecho de transmissão da potência enquanto força para expressão, e esse movimento é traduzido pela e para a identidade, rebaixando tal força, atribuindo uma imagem a ela e a aleijando de qualquer potência que a mesma trazia em seu seio, se tem nas mãos o duplo simulacro: consciência-poder a simular o devir-potência (Hur, 2016). É o esvaziamento da potência na expressão do ato de pensar reativo, não permitindo qualquer atravessamento de diferenciação da singularidade que pudesse se afirmar em cada ato, mas compondo o pensamento a serviço da identidade eivada de representações, projeções e fantasmas, que, desde a mundialização do capitalismo, é fabricada globalmente (Guattari & Rolnik, 2006).

Logo, esse processo ressoa através do rosto, ricocheteando nos muros estriados, e seguirá a atender a inúmeros circuitos de capturas e ressonâncias estabelecidos no espaço estriado das relações de poder, primeiramente no meu rosto, depois nos círculos mais próximos e assumindo toda uma cadeia global, ricocheteando sempre em todos os rostos em uma produção internacional de peças para a megamáquina de captura e produção de corpos eficientes na reprodução do capital (Guattari & Deleuze, 2011a).

Tal circuito é, antes de tudo, um circuito de afetos (Safatle, 2016). Mas não teria como haver circuito internacional de afetos maquinado pelo mundo capitalístico sem o Muro. Ele é onde a representação pode se fixar, ele é onde se pode montar as identidades (Souza, 2008), ele é onde se faz possível gerenciar os afetos alheios, condicionar os desejos enquanto falta (Deleuze, 1996). O Muro é a veia que possibilita a ressonância. Pois só há ressonância de papéis sociais pré-determinados através da máquina abstrata gerida pelo nosso desejo afundado se houver um muro para que as imagens possam ser refletidas. E o meu rosto idealizado em identidade é um muro a ressoar e refletir, como também o rosto do outro, um cargo, um lugar, um objeto, todo ponto de fixação a representar são muros a projetar e nos produzir (Guattari & Deleuze, 2012a). Os muros são infundáveis. Onde a percepção encontrar uma superfície capaz de aderir a ela as representações e projeções de uma maquinaria global de produção de identidades, temos um Muro em ação.

Múltiplos muros a ressoar capturas: O político, o professor, o padre, o psicólogo, a mãe, a líder, o sábio, a influencer, a CEO, o consultor, o coach, o mártir, o sindicalista, a revolucionária. Ressonância de captura dada pelo e através do Muro. Sempre prontos para replicarem a captura, realimentarem os circuitos de afetos que cooptam o desejo, sempre prontos para exercerem suas funções sociais, autorizadas e autorizantes, em função de novos rebaixamentos, reterritorializando toda e qualquer linha que tente fugir dos buracos, do campo de forças estriado, codificando todos os fluxos descodificados, encapando todos os fios desencapados. O louco, o aluno indisciplinado, o pária, precisam da correção dos rebaixados, precisam ser resgatados – pelo amor ou pela dor – para que os seus desejos possam voltar a realimentar o sistema mundial de captura. Eles não podem ficar soltos, descodificados, desterritorializados, em quaisquer superfície, eles precisam de uma função em representação, projetando em um muro a partir de um buraco (Guattari & Deleuze, 2011a).

O maior objeto que produz tal condição é o que Bergson (2020) chamou de “eu superficial”. Graças a memória, uma mente que deixa rastros, com dificuldades de esquecer, superar, seguir no devir, refém de um “eu superficial” se torna um baú infundável de objetos mentais aprisionados a tais rastros que impedem dos canais de percepção de exergarem a realidade em devir (Rossetti, 2001). E é através dessas fixações geridas pela consciência ao trabalhar através de pensamentos imagens (Machado, 2009) que vivenciando a vida pela lente de mentes pequenas projetadas em muros, se confundindo com as próprias representações dos objetos, e assim abrimos o nosso desejo para ser, agora, não só afundado e capturado, mas também manipulado e produzido por circuitos de afetos despotencializadores.

3 CIRCUITOS DOS AFETOS

As vidas estão implicadas não só materialmente, mas afetivamente. Nos afetamos uns aos outros, mais ou menos, e realizamos grandes movimentos afetivos e potencializamos ou despotencializamos os nossos desejos a partir dessas afecções (Spinoza, 2019). Os colocamos a serviço de um plano de criação de vida ou os colamos acoplados em circuitos estriados de poder (Guattari & Deleuze, 2011a). Em síntese, compartilhamos, todos, um complexo e flúido plano afetivo. As nossas relações sociais se dão por meio de um terreno de afetos, terreno esse bastante sinuoso, com desertos, charcos, planícies e permeado por um grande sistema de ravinas. Mas sua geomorfologia não muda o fato: as relações se realizam em um campo afetivo e material. Precisamos retomar uma seta para esse primeiro, pois, ele não é aparente, como o campo material, apesar de assumir uma centralidade maior que este (Guattari & Deleuze, 2011a).

A despeito de todo o esforço que a razão faz para atribuir aos afetos uma ordem secundária, algo como uma herança de passados arcaicos (da Silveira Pinheiro, 2007). A substância da variação da vida são os afetos (Moreau, 2018). Para o ser racional, os afetos estariam sempre presentes, mas a razão cuidaria de relegá-los para fora do centro das decisões humanas. Ser afetado se caracterizaria em um defeito, em uma falha humana. E esse mito perpassa toda a base do pensamento político. O ser humano se distinguiria dos demais animais pela capacidade de suplantar os afetos em nome de uma racionalidade pura (da Silveira Pinheiro, 2007).

Imaginou-se que por meio de leis sociais seria capaz de impor aos afetos um regime perpétuo da razão (Cassirer, 2020), mas os afetos trafegam em um rio subterrâneo soterrado pela linguagem racional. De modo tal que, por vezes, ignoramos a cartografia que os nossos desejos traçam, por ficamos alheios aos circuitos de afetos que nos atravessam, que nos impulsionam e movem os nossos desejos, acabando, assim, ocorrendo de modo displicente (no sentido negativo do termo), e assim somos implicados de qualquer maneira.

De modo tal que não há imagem, ideia, pensamento, que não seja antes de tudo uma forma de expressão de afetos que mobilizarão os nossos desejos (Lopes, 2012). Assim, não há maneira que permita a razão de suplantar os afetos, essa separação inexistente. Só um afeto vence outro afeto, e os corpos estão ininterruptamente se afetando. Esse processo gera afecções que por sua vez desencadeiam em afetos específicos, hora tristes, hora alegres, aumentando ou diminuindo nossa potência (Spinoza, 2019).

Tomemos o que, provavelmente, é o principal afeto utilizado para construir longos e duradouros circuitos: o medo. Como exemplo claro, peguemos o que ficou conhecido como “Armadilha de Tucídides” (Allison, 2017), onde o medo que aflorou em Esparta pela ascensão de Atenas, teria tornado a Guerra do Peloponeso (431 a 404 a.C) inevitável (Lousada, 2014).

Relembremos o clássico Dilema da Segurança (Herz, 1950), onde a busca de segurança de cada nação acaba por gerar uma insegurança sistêmica. Relembremos Hobbes (2019), ao afirmar que “muitos, ao mesmo tempo, têm apetite pelas mesmas coisas” (p. 30). Para esse pensador, se as sociedades prevaleciam e indivíduos conseguiam se agrupar e dividir espaços, se daria por um único motivo motriz: o medo. “A origem

de todas as grandes e duradouras sociedades não provém da boa vontade recíproca que os homens teriam uns para com os outros, mas do medo recíproco que uns tinham dos outros” (Hobbes, 2019, p. 28). O afeto do medo aparece nessa narrativa como base para toda a construção não só da sociedade de indivíduos neuróticos, mas da própria emergência do Estado, dando a plataforma na qual se balizaria o relacionamento entre esses Estados até hoje. O Grande Circuito Afetivo do Medo.

Interessante perceber que o medo aparece como um fenômeno de natureza, praticamente inevitável, intrínseco não só a existência humana, mas enquanto base para a relação política e social, de maneira tal que faz parecer que não haveria o que se fazer, ou se há, a capacidade de manobra seria muito baixa. Ou seja, desconhecemos os afetos que nos atravessam, ignoramos como eles são produzidos, não prestamos a devida atenção aos circuitos que direcionam nossos desejos que ditam nossas possibilidades de agir, de imaginar e de viver, e assim, limitamos as formas de se fazer política na prática.

Os Circuitos dos Afetos compõem a própria dinâmica do jogo político, desde as forças que atuam na minha pessoa até as relações internacionais. Da pele ao global. O que liga (com uma seta dupla) a produção de si (Foucault, 2010) à política mundial, são os Circuitos dos Afetos.

Contudo, não nos enganemos achando que a esperança seria o antagônico do medo, e assim seu circuito possibilitaria caminhos mais interessantes do que o do medo, não, a troca idealista de medo por esperança se configura apenas como um giro no mesmo lugar. A esperança é a outra face da moeda do medo (Safatle, 2016). Compõe o Grande Circuito de Afeto do Medo. Só tem esperança quem já está sendo atravessado pelo medo enquanto afeto central.

Cabe agora pensar como não participar do grande circuito internacional do medo/esperança, engendrando curtos-circuitos, produzindo desterritorializações (Guattari & Deleuze, 2011a), abrindo brechas para a produção de circuitos de potencialização, de máquinas de desconstrução de capturas, máquina de transmutação, que nos ajudem a reconquistar a superfície do desejo, compondo não mais com fantasmas e projeções, mas com a vida em seu devir ininterrupto.

4. CURTOS-CIRCUITOS E A ABERTURA PARA A SUPERFÍCIE

Há afetos circulando em cada território, e os códigos e sobrecódigos garantem que tais afetos se estabeleçam ali (Guattari & Deleuze, 2011a). O espaço estriado pelo poder, que produz os territórios, é, antes de qualquer coisa, um muro a fazer valer determinados afetos, projetados e espalhados nas identidades que se fixam nele.

Só poderei engajar outros circuitos de afetos interessantes a vida, na medida que suspendo o correr de afetos que assujeitam a vida a uma lógica de produção de um desejo reativo, e isto se dá no âmbito dos territórios. E aqui abandonemos rapidamente a ideia de conquista duradoura. Estes territórios precisam ser desterritorializados permanentemente. Nada no devir se sustenta por si. Se algo aparece continuamente, é porque continuamente é reproduzido, momento a momento a tarefa é refeita. Na produção de curtos-circuitos não seria diferente. Produzir afetos potencializadores da vida, demanda um ato contínuo de curtos-circuitos nos afetos que as máquinas de captura abstratas engendram nos territórios, uma descodificação contínua desses espaços, outrora estriados. Ou seja, é preciso produzir uma Máquina de Anti-Captura e agenciar nossos desejos a tal, forjando uma desterritorialização na produção da subjetivação capitalística, liberando, momento a momento, os territórios, e fazendo correr afetos ativos por sobre os espaços continuamente desterritorializados.

Agenciar Máquinas de Guerra (Garavito, 1996) de cada corpo voltado a este intento, aliando-se em um circuito inverso ao de captura, a descodificar as estrias que enviesam os espaços, os corpos e os desejos nos ter-

ritórios que tenham contato. Produzir curtos-circuitos nos territórios, os abrindo para a tecelagem de linhas de fuga. Quanto mais o espaço se encontrar desterritorializado, mais naturalmente o desejo que potencializa encontrará caminhos para atravessá-lo, superando os buracos negros e encontrado/produzindo superfícies.

Das infinitas superfícies a serem reconquistadas/produzidas, onde podemos fabricar máquinas de anti-captura, trabalharemos aqui duas cruciais que passaremos a abordar resumidamente, a primeira é a Superfície da Pele. Sem essa Máquina de Anti-Captura, as linhas de fuga tenderão a se flexionar e voltar a se tornar linhas duras. Mas se bem realizada a desterritorialização do corpo, o alcançar de todas as demais superfícies fluirão com maior naturalidade. A segunda é a produção de afetos ativos nas próprias estruturas burocráticas. Passemos a elas então.

4.1. SUPERFÍCIE DA PELE

Paul Valéry (1960, p. 215 citado por Deleuze, 1992) dirá, com muita precisão que, “o que há de mais profundo no homem é a pele”. É na sensibilidade da derme que a vida demonstra a sua profundidade enquanto intensidade, sua dinâmica enquanto abertura para absorver e fazer atravessar toda e qualquer mudança. A pele é um campo por onde somos convidados a participar da vida ativamente e direta.

Se os outros sentidos captam informações do meio, é na pele que esses dados são processados de modo intenso. Se queremos produzir uma Máquina de Guerra Anti-Captura, a pele é a pedra de toque de tal máquina micropolítica. É nela que as afecções ocorrerão (Spinoza, 2019), é na pele que o retorno do investimento do desejo se apresentará (Deleuze, 2018). Como dirá Nietzsche (2017), “é necessário permanecer valentemente na superfície, na dobra, na pele” (p. 15). Tal valentia já é produto de uma máquina de guerra em ato, e ela tem um objetivo claro, manter o corpo na vivência da pele, onde a realidade se dobra e cria sua profundidade por intensidade. Aqui o superficial não é o antagonico do profundo, mas o seu suprassumo (Ferraz, 2014). Só é profundo aquele que consegue habitar a superfície da pele, ser “superficial por profundidade” (Nietzsche, 2017, p. 15).

O processamento da realidade pela pele gera uma dobra, uma duração intensa (Bitterbier, 2011), que não tem nada a ver com a duração da consciência e da memória. A duração do devir na pele é a sua dobra, e essa dobra é a sua profundidade. Habitar a superfície da pele em suas durações físicas no contato com cada acontecimento – sem intencionalidades racionais, mas em uma postura maquínica de guerra a experimentar a intensidade de todo encontro – é o que possibilita o virar de rosto dos muros. A pele joga fora todas as representações e projeções, o corpo que vivencia a duração do devir em sua pele supera a cadeia de captura. A vida processada na pele inunda toda a experiência da vida, não deixa espaço para ressentir, projetar, construir fantasmas. Ela está constantemente ressoando o devir, mas como o devir não para de atravessar, após certa duração efêmera (porém profunda), a pele já está ressoando outros acontecimentos.

Habitar a superfície da pele é ordenar a experiência da vida a partir de sua vivência plena. Eleger no corpo a pele como seu coração. Mas isso demanda um trabalho de desconstrução de um corpo produzido eficiente para outros fins que não o da vida intensa. Faz-se necessário um cuidado de si, técnicas de produção de si para que consigamos liberar o corpo enquanto território da megamáquina, para que ele se torne continuamente superfície.

O que me surpreende, em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida; e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? (Foucault, 1994, p. 617 citado por Pinho, 2010, p. 1).

Fazer da vida uma obra de arte demanda um cuidado de si, um produzir a si mesmo (Foucault, 2010) através dos devires. E para tanto é preciso a produção de uma estética da existência, uma ética que consiga combater os microfascismos que tendem a boicotar a potência em nós, como explícito no prefácio de Foucault a edição estadunidense do *Anti-Édipo* (Deleuze & Guattari, 1977). Uma Máquina de Guerra que produza processos de subjetivação livres do sujeito moderno que as máquinas de controle impõem (Deleuze, 1992). Estes artistas de si mesmos estão engajados não na produção de sujeitos, mas de hecceidades, individualidades sem um sujeito que o organizaria de fora e que manteria de alguma forma uma coerência e uma duração para além do devir, uma identidade (Guattari & Deleuze, 2012a), pois a duração dos acontecimentos na superfície da pele, a morte que a impermanência desses impõem, não permite que algo como um “sujeito” ganhe qualquer espaço fixo, em troca, abre-se para singularidades capazes de gerar encontros plenos, potencializadores em todos os instantes. Produção de um Corpo sem Órgãos (Guattari & Deleuze, 2012a).

Esta hecceidade, este Corpo sem Órgãos, é fruto de uma prática, de uma ética, de uma significativa produção estética, é espólio de uma guerra travada no coração do nosso desejo. Foucault (citado por Pinho, 2010) vai nos dizer que a produção de tal ética demanda três posturas: habitar simultaneamente uma zona (1) limítrofe, (2) experimental e (3) constante, e passo a explicar cada uma delas.

Habitar uma zona limítrofe é saber caminhar sem grandes preocupações sobre uma linha turva e incerta que constitui ser e não ser ao mesmo tempo. O devir não permitirá que nada se fixe para além da duração potente da pele, e ao mesmo tempo há processos de subjetivação que possibilitam que o corpo desenvolva técnicas de si e si produza enquanto obra de arte, mas essa obra nunca se encerra, sempre estará em construção, onde a qualquer momento toma guinadas inesperadas e não programadas, e em outros dedicar-se-á inúmeros instantes em dado sentido, tudo a depender para onde a potência que atravessa o desejo esteja exigindo um movimento ativo.

Além disso, habitar uma zona limítrofe é entender que compomos uma singularidade das forças que nos atravessam, não somos sujeitos, somos um diagrama de forças (Deleuze, 1992) por onde vetores ao se articularem ganham uma certa singularidade específica, mas em nada estática. Estas forças atravessam tantos outros corpos, de modo tal que nossa existência não consegue ser separada desses demais corpos que compartilham tais linhas, mas ao mesmo tempo, a configuração de forças que nesse momento me atravessa é única a mim e a este momento, então, não sou um sujeito separado dos demais corpos, e ao mesmo tempo, nenhum desses corpos são fixos, ou seja, a cada instante nos singularizamos, contudo, essa singularização específica só dura um instante, de modo que somos essencialmente multiplicidades a se singularizar a cada momento, abandonar a ideia de indivíduo e viver através deste pulsar é habitar uma zona limítrofe.

Habitar uma zona experimental é se pôr em processo sempre. Nunca estancar o movimento. Os microfascismos crescem na medida que nos sedentarizamos. Precisamos nos manter nômades (Guattari & Deleuze, 2012c), mesmo que parados. Não tem a ver com movimentos externos. Não demanda uma performance. Muito da performance preserva um não-movimento do desejo. Pode-se realizar movimentos de uma intensidade ímpar sem nenhuma performance. O importante é mover a intensidade no desejo e se pôr a experimentar. Não há partida nem chegada. Só há o movimento sem interesse de aquisição (Guattari & Deleuze, 2011a).

A intensidade não tem a ver com tamanho, mas com a profundidade virtual produzida na superfície da pele. No entanto, esta intensidade precisa guardar um mínimo de prudência (Guattari & Deleuze, 2012b), a arte das doses, para que ela não se precipite em um plano que desfaça as próprias condições mínimas da existência, e isto tem a ver com o fato de habitar uma zona limítrofe, pois, no limite, somos multiplicidade por um lado, mas somos limitados a nos expressar em uma materialidade dada. De modo que se pode se perder ao ponto de uma zona de experimentação se transformar em uma zona de abolição das condições mínimas para experimentar. Ao mesmo tempo há uma necessidade de pulsão vital suficiente para bancar

a experiência. Se pôr a experimentar sem uma base vital que banque tal experiência derrubará este corpo. Então, habitar uma zona experimental exige em concomitância, a produção de um corpo capaz de sustentar a experiência e uma transmutação de todo desejo que trabalhe por uma falta. O desejo que move o afeto intensivo, busca a expressão de mais potência e não um objeto que lhe completaria. Esse desejo se move por transbordamento e não por falta.

A terceira postura, uma zona de constância na produção de si, atende ao fato de que não há chegada, não há realização última, só há essa zona de passagem onde os acontecimentos se sucedem. Nela, o corpo é produzido de um momento para o outro, ou, como corpo autônomo, produtor das próprias condições da existência, ou, como reprodução de um corpo fraco para ecoar uma captura sistêmica. A vida como obra de arte vê na incompletude do devir sua perfeição, sua abertura para que gere mais potência e goze cada vez mais de qualquer encontro que o acontecimento lhe proporcionar, mesmo os “banais”, os tidos comumente como “insignificantes”. Para uma grande caminhante de superfícies, não há momentos banais ou insignificantes, ou mesmo, descartáveis, não existe espaço para um “que pena que aconteceu assim, melhor seria se fosse diferente”. Todo acontecimento traz em si o alimento para potencializar aquele corpo, desta forma, não há banalidade ou insignificância, ou ainda momentos não desejáveis, não, o produtor de circuitos de afetos ativos, tem que ser capaz de afirmar que “o que não me mata torna-me mais forte” (Nietzsche, 2000, p. 3). A vida do corpo fortalecido é afirmadora de todo acaso, dirá Nietzsche: Assim aconteceu? Pois bem, foi assim que eu quis que acontecesse! (Marton, 2016).

As técnicas de si, o cuidado de si capaz de abrir porosidades no corpo para que as potências consigam atravessá-lo ao ponto desse corpo alcançar a profundidade da experiência da vida através da superfície da pele, mudará de singularidade para singularidade, ainda em um mesmo corpo (Fuganti, 2007). Entre corpos, naturalmente, igual. Ou seja, ainda que numa mesma pessoa, o que lhe faz afirmar sua vontade de potência pode mudar acompanhando a sua própria dinâmica de singularização, de modo que não há receita universal e atemporal para um cuidado de si.

O que importa é atentar para o que neste momento retorna ao corpo. Será essa superfície – a da pele – que nos dirá, instante a instante, no nível do sensível, sobre o que retorna sobre nós, possibilitando a produção de uma Máquina de Guerra capaz de reconquistar o território da superfície da pele.

Uma ética da potência, uma estética da existência, uma conquista da superfície da pele é movimento indispensável para alcançar todas as demais superfícies. Habitar a própria pele em devir, produzir um Corpo sem Órgãos, experimentar uma hecceidade, é condição necessária para a produção de circuitos de afetos interessantes a vida. Se ignorarmos este aspecto, cedo ou tarde, retornamos na produção de novos buracos, novos fantasmas, novas representações, voltamos a nos fixar em muros.

Gerar curtos-circuitos nas linhas de captura da megamáquina passa necessariamente por esta tarefa na superfície da pele, e a partir dela abrir os territórios para outros circuitos transmutadores de valores, fortalecedores das forças que compõem os corpos, potencializadoras e promotoras de uma vida ativa. Uma política produtora de potência, plena e livre começa e termina na pele, mas não se limita em nada a ela, ganha a pele do mundo.

4.2. SUPERFÍCIE NA ESTRUTURA BUROCRÁTICA

Apesar das estruturas burocráticas serem forjadas enquanto máquinas concretas de captura, apesar de estarem a serviço das forças que despotencializam os corpos, se nutrirem do investimento desses corpos no poder, que produzam rebaixamentos e segregações, tais estruturas, ainda assim, realizam estas segmentações no devir. Mesmo que sua função seja de separar os corpos e as linhas de forças do contato com

esse devir, obrigando-os a investir no poder como compensação, ela realiza tal alienação no decorrer dos acontecimentos. Assim sendo, no fundo de uma máquina concreta de estruturação burocrática, que estria os espaços e codifica e sobrecodifica cada centímetro do mundo, encontramos a própria superfície do acontecimento. Tudo ocorre necessariamente na dinâmica dos devires.

Isto posto, há como produzir/conquistar a superfície mesmo nas estruturas burocráticas. Subverter sua função original e propiciar que ela produza o oposto para o qual foi programada. Do mesmo jeito que a megamáquina se utiliza das estruturas burocráticas para fraudar a vida, pode-se realizar o inverso, fraudar as estruturas burocráticas em prol de aberturas nos territórios que sejam capazes de permitir o atravessamento de linhas de forças descodificadas.

Dar as costas para o poder não significa necessariamente fugir das estruturas burocráticas. Linhas de fuga tem muito mais a ver com uma linha de voo do que, necessariamente, um correr para longe. A fuga se dá no sentido micropolítico para propiciar uma própria produção de si, mas no sentido macropolítico, a linha de fuga pode habitar o próprio uso das estruturas burocráticas de modo interessante a vida.

Fraudar, subverter, desprogramar as estruturas burocráticas de dentro para fora. O poder precisa ser negado a todo instante, mas há como utilizar-se da própria maquinaria despotencializadora para gerar curtos-circuitos nas linhas de captura da megamáquina. Contudo isto demanda severos cuidados (Guattari & Deleuze, 2011b). Alcançar uma política potencializadora por dentro de mecanismos da estrutura criada para o contrário demanda que se tenha previamente ocorrido uma conquista significativa da superfície que falávamos a pouco, da pele.

Estes dispositivos foram construídos para controlar, a sua engenharia o leva a esse objetivo. Utilizar uma máquina para seu inverso não é uma tarefa nada simples, ao manejá-la, todo microfascismo que habitar aquele corpo, no exato momento de manipulá-la, o atravessará e se agenciará a tal dispositivo. Por isto mesmo, é demandada uma afiada ética de produção potente de si.

É fato de que a revolução propagada pela Máquina de Guerra Gandhi, entre infinitos desfechos, desencadeou, em uma de suas ondas, no conflito Índia-Paquistão (Bertonha, 2002). Mas esta é só uma das linhas que tal movimento gerou. A Máquina de Guerra Gandhi produziu no campo micropolítico na humanidade, traço inegável de proporções incalculáveis, ainda em propagação.

O que define uma Máquina de Guerra são as linhas de fuga que ela traça e a distância e velocidade que essas ganham, e não os pontos onde empacam e geram rompimentos, e voltam-se contra sua origem. Definir a linha de fuga por suas contradições ao chocarem-se com outras forças é ignorar a multiplicidade que os eventos e os circuitos tomam.

Fios que passam pela Máquina de Guerra Gandhi, que ela cuida de traçar tantos outros em sentidos tão mais ou igualmente interessantes, que tocam toda a cultura humana a partir de então. Até hoje ressoando. Fios muito mais antigos, de máquinas de guerra tão potentes que atravessam o espaço e o tempo produzindo conexões por sobre essas distâncias.

As linhas de fuga criam marcas no tecido do mundo com ressonâncias incapazes de serem medidas com precisão, sem início, meio e fim claros. Tais linhas não respeitam as fronteiras da política administrativa. São circuitos históricos e mundiais de produção de potência que atravessam o tempo e o espaço por entre os curtos-circuitos, espaços não ocupados, aberturas, contradições, rupturas, por entre as falhas das máquinas abstratas e concretas. Tais máquinas de controle e captura, de produção de identidades e sujeitos, podem capturar essa ou aquela linha de fuga, mas o caráter de multiplicidade de tais linhas e a dinâmica fluida dos devires, nunca permitem que sejam completamente capturadas (Guattari & Deleuze, 2011b).

Sempre algo escapa, e sempre novos curtos-circuitos acontecem, e é por sobre esses que podemos agenciar nossos desejos, conjugar alianças de linhas de fuga e produzir Máquinas de Anti-Captura em forma de bandos, de um riso, de um silêncio, de uma revolta alegre, em volta de uma brincadeira de criança. Fazer correr circuitos de afetos ativos desterritorializados, anti-poder.

Encontrar superfície nas estruturas burocráticas é boicotá-las por dentro, e não utilizá-las para algo, mas simplesmente não utilizá-las para o seu verdadeiro fim, a captura e controle. A potência emerge naturalmente na medida que essas máquinas pararem de capturar. Estruturas burocráticas a serviço da produção de máquinas de guerra que almejam a própria obsolescência dessas estruturas. Funcionando em estruturas mais ou menos organizadas, estruturas macropolíticas como expressão de uma força micropolítica muito maior. E aqui parece residir o segredo: a apropriação de estruturas burocráticas para a produção de curtos-circuitos, necessita ser uma expressão de um curto-circuito já ocorrido no campo micropolítico. É preciso que máquinas abstratas de promoção da vida potente, plena e autônoma tomem para si as máquinas concretas para poder sabotá-las silenciosamente, preocupadas apenas com uma promoção de um ambiente saudável para a produção livre dos cuidados de si, com a manutenção do fluxo contínuo de afetos potencializadores da vida em sua multiplicidade, como guardiões da beleza criadora da diferença.

Tais corpos, manipulando as estruturas burocráticas, podem suspender os processos de produção de rostos, de ressonância de captura, de territorialização dos espaços para fins de poder. Desarrancar as amarras que penduram os corpos nele, encerrar a obrigação em virar as cabeças aos muros, em manter os olhos sempre abertos, parar a manipulação de imagens nesses muros, deixar que os corpos caiam, pendam a cabeça, viem o olhar, vejam, por si mesmos a experiência da vida sem projeções e representações. Parar de tentar reterritorializar toda linha descodificada que propague movimentos intensos, intensivos e produtores de uma alegria autônoma e autêntica, mesmo que com isso produza a destruição dessas estruturas, deixa-las correr, deixar que destruam o que não servir mais.

Da mesma maneira que as estruturas de poder simulam a vida para violentá-la, fingem ser a vida para pô-la em função de tudo que não expressa a sua potência. Podemos causar o inverso. Usar tais estruturas para pô-las em função da vida, da potencialização nos espaços. Fraudar a Máquina Concreta de Captura. Fazer da estrutura burocrática, antes ferramenta do poder, em Máquina de Guerra de Anti-Captura. Operar um furto sem aquisição, desapropriando o poder das estruturas burocráticas, utilizando-as como ferramenta de descodificação e liberação dos corpos. Alianças políticas na interseção de desejos transbordantes a compor para a promoção de singularidades e diferenciações que potencializam.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs, de modo breve, pensar sobre alguns aspectos que fazem com que os Circuitos de Afetos se estabeleçam no território global, possibilitando assim maneiras de gerar curtos nos circuitos que rebaixam a vida e capturam o desejo, seja em nossas próprias máquinas desejantes, através da pulsão do devir na superfície de nossas peles, seja corrompendo as estruturas burocráticas, e assim, permitindo o correr de circuitos afetivos que promovam a vida em sua potência, autônoma e intensa.

Compreendemos aqui que o pensamento aprisionado na representação precisa do Muro para se apresentar e assim ricochetear, engendrar seus circuitos de afetos, alimentar antigos circuitos que cooptam o desejo, reordená-los em uma teia global onde alimenta um grande Sistema Internacional de Impotência, que por sua vez retroalimenta o Muro. Isto é a Máquina rebaixando antes de dar a mão, despotencializando para então compensar alguns, oferecer uma identidade que lhe salve após o rebaixamento, um pensamento imagem, um fantasma no muro, e essa identidade irá ressoar, e esse muro ricochetear afetos e cooptar novos desejos

a retroalimentar a máquina abstrata que surgiu tão somente do acoplamento desses desejos esburacados, desse investimento na representação no Muro, da necessidade de compensação da impotência com o poder, e hoje, tal acoplamento se dá em uma configuração internacional alimentando uma máquina concreta e interliga-se na quase totalidade do globo em longos circuitos de afetos e assumem uma produção industrial de identidades, de novas e constantes capturas do desejo, da manutenção da condição de impotência sistêmica (Guattari, 2004).

Precisamos produzir bandos. Um bando a desterritorializar é uma Máquina de Guerra Anti-Captura a gerar anomalias nos territórios a todo momento, abrindo-os de suas filiações estruturais e possibilitando que o desejo que nada falta, produtor de realidade intensa e ativa, possa se expressar. Formar bandos agenciando cada máquina desejante contida em cada corpo, fabricar curtos-circuitos, anomalias, contágio (Guattari & Deleuze, 2012a). E estes espaços, agora lisos, anômalos às estruturas de poder, ao permitir um atravessamento de potências criadores, verá retornar sobre si uma outra linha de afeto, não mais o medo, a morte (mesmo que em vida), o terror e a paranóia do poder, mas uma alegria autêntica e autônoma, que se perpetua em cada encontro.

REFERÊNCIAS

- Agudo, J. L. B. (2004). La micropolítica: un sentimiento. In *Organización y gestión educativa: Revista del Fórum Europeo de Administradores de la Educación* (Vol. 12, No. 4, pp. 11-16). Ciss Praxis.
- Allison, G. (2017). *Destined for war: Can America and China escape Thucydides's trap?*. Houghton Mifflin Harcourt.
- Alvim, D. M. (2012). *A megamáquina política: poder, resistência e deserção*. Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia, 4(07).
- Bergson, H. (2020). *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. EDIPRO.
- Bertonha, J. F. (2002). *Índia e Paquistão: guerra nuclear e geopolítica no sul da Ásia*. Meridiano 47, 3(23-24), 4.
- Bitterbier, S. (2011). Ação e duração: a visão bergsoniana da liberdade. *Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar. São Carlos*.
- Candiotto, C. (2006). Foucault: uma história crítica da verdade. *Trans/formação*, 29(2), 65-78.
- Cassirer, E. (2020). A filosofia do Iluminismo. *Clube de Autores* (managed).
- da Silveira Pinheiro, J. (2007). As paixões segundo Descartes: obscuras e irrecusáveis experiências. *Controvérsia*, 3(2), 07-18.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Editora 34.
- Deleuze, G. (1996). Desejo e prazer. *Cadernos de subjetividade*, 13-25
- Deleuze, G. (2018). *Nietzsche e a filosofia*. Editora N-1.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1977). *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia* (New York: Viking). Europe's 21st Century Challenge, 300.
- Ferraz, M. C. F. (2014). Estatuto paradoxal da pele e cultura contemporânea: da porosidade à pele-teflon. *Galáxia* (São Paulo), 14(27), 61-71.
- Fontes Filho, O. (2007). Francis Bacon sob o olhar de Gilles Deleuze: a imagem como intensidade. *Viso: cadernos de estética aplicada*, 1(3), 70-90.
- Foucault, M. (2010). *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*; Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

- Fuganti, L. (2007). Corpo em devir. *Sala Preta*, 7, 67-76.
- Garavito, E. (1996). Deleuze: Máquinas de guerra y aparatos de captura. *Revista de Extensión Cultural*.
- Guattari, F. (2004). *Plan sobre el planeta: Capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.
- Guattari, F. (2012). *Caosmose*. Editora 34.
- Guattari, F., & Deleuze, G. (2011a). *O anti-Édipo. capitalismo e esquizofrenia 1*. Editora 34.
- Guattari, F., & Deleuze, G. (2011b). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Editora 34.
- Guattari, F., & Deleuze, G. (2012a). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Editora 34.
- Guattari, F., & Deleuze, G. (2012b). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4*. Editora 34.
- Guattari, F., & Deleuze, G. (2012c). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. Editora 34.
- Guattari, F., & Rolnik, S. (2006). *Micropolítica. Cartografías del deseo*. Madrid: Traficantes de sueños.
- Herz, J. H. (1950). Idealist internationalism and the security dilemma. *World Politics: A Quarterly Journal of International Relations*, 157-180.
- Hobbes, T. (2019). *Leviatã: matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. LeBooks Editora.
- Hur, D. U. (2015). Axiomática do capital e instituições: abstratas, concretas e imateriais/Axiomatic of capital and institutions: abstracts, concretes and immaterials. *Revista polis e psique*, 5(3), 156-178.
- Hur, D. U. (2016). Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. *Mnemosine*, 12(1).
- Kroef, A. (2012). Identidade (s) e cultura (s): territórios da subjetividade capitalística. *ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, 6(2).
- Lopes, J. G. (2012). Os afetos e a política em Spinoza. *Revista Húmus*, 2(6).
- Lousada, A. P. (2014). "História da Guerra do Peloponeso" de Tucídides. *Lusíada. História*, 2(5/6), 359-370.
- Machado, R. (2009). *Deleuze, a arte e a filosofia*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Marton, S. (2016). O eterno retorno do mesmo," a concepção básica de Zaratustra". *Cadernos Nietzsche*, 37(2), 11-46.
- Meneghetti, D. (2020). Contra o juízo: Deleuze e os herdeiros de Spinoza. *Aufklärung: Revista de Filosofia*, 7(2).
- Meneghetti, F. K. (2011). O que é um ensaio-teórico?. *Revista de administração contemporânea*, 15(2), 320-332.
- Moreau, P. F. (2018). *Spinoza: uma teoria do homem. Uma antropologia materialista*. O que nos faz pensar, 26(41).
- Negri, A. (1993). *A anomalia selvagem. Poder e potência em Spinoza*.
- Nietzsche, F. (2000). *Crepúsculo dos ídolos (ou como filosofar com o martelo)*. Relume Damará.
- Nietzsche, F. (2017). *A gaia ciência*. Editora Companhia das Letras.
- Pelbart, P. P. (2002). Poder sobre a vida, potência da vida. *Lugar Comum*, 17, 33-43.
- Pinho, L. C. (2010). A vida como uma obra de arte: esboço de uma ética foucaultiana. Ética e alteridade. *Seropédica: Editora da UFRRJ*, 1-13.
- Rossetti, R. (2001). Bergson e a natureza temporal da vida psíquica. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(3).
- Safatle, V. (2016). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Autêntica.

Souza, D. B. D. (2008). *A subjetividade maquínica em Guattari*.

Spinoza, B. (2019). *Ética*. LeBooks Editora.